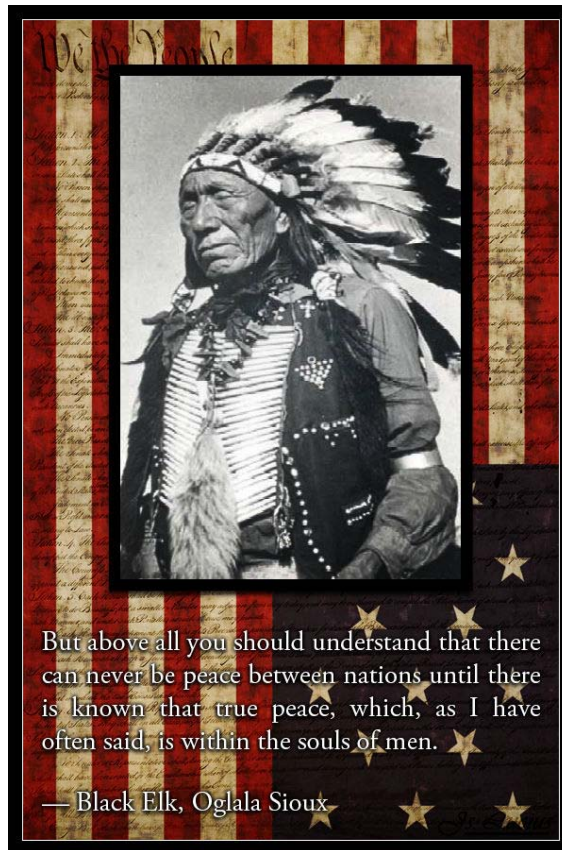




O CONCEITO DE ALMA
E O PENSAMENTO
DOS NATIVOS NORTE-
AMERICANOS:
ALGUMAS REFLEXÕES

Ana Paula Silva
Machado
Universidade Aberta



But above all you should understand that there can never be peace between nations until there is known that true peace, which, as I have often said, is within the souls of men.

— Black Elk, Oglala Sioux

[...] tudo o que um índio faz é em círculo e isso é porque o Poder do Mundo trabalha sempre em círculos e tudo tenta ser redondo... [...] Tudo o que o Poder do Mundo faz é feito em círculo. O céu é redondo e ouvi dizer que a terra é redonda como uma bola e as estrelas também. O vento, no auge do seu poder, rodopia. Os pássaros fazem o seu ninho em círculo, pois a religião deles é a mesma do que a nossa. O sol nasce e descreve um círculo até se pôr. A lua faz o mesmo e ambos são redondos... [...] Até as estações do ano formam um grande círculo na sua alternância e voltam sempre onde estiveram antes. A vida de um homem é um círculo de meninice em meninice e o mesmo sucede a tudo onde o poder se move. Os nossos tipis eram redondos como os ninhos dos pássaros e estavam sempre dispostos em círculo, o círculo sagrado da nação, um ninho de muitos ninhos, onde o Grande Espírito queria que tivéssemos os nossos filhos.

(Neihardt 1971, 199-200 tradução nossa)




O CONCEITO DE ALMA
E O PENSAMENTO
DOS NATIVOS NORTE-
AMERICANOS:
ALGUMAS REFLEXÕES

Ana Paula Silva
Machado
Universidade Aberta

As palavras supracitadas são do mítico Black Elk, *medicine-man Sioux*, registadas por John Neihardt. Através delas, torna-se possível entender a importância do círculo, na cosmovisão índia. Dificilmente se poderia explicar mais adequadamente do que o próprio Black Elk como funciona o universo índio e como este se encontra em contínua comunhão com o meio natural que o envolve, símbolo e realidade interagindo, num constante *continuum*, o abstracto actuando no concreto, o natural no sobrenatural e vice-versa e como as dimensões se interpenetram ou, melhor ainda, como tendem a formar uma só, microcosmos e macrocosmos constituindo um só cosmos.

Na mundividência índia, tudo se encontra ligado. Seres humanos, plantas, pedras, animais e mundo espiritual constituem um círculo sem princípio nem fim; o mundo natural está imbuído de poder numinoso; e o mundo espiritual é vivenciado no natural, a cada passo. Neste mundo essencialmente circular, onde

¹ É doutorada em Estudos Ingleses e Americanos pela Universidade Aberta; Mestre em Estudos Americanos pela Universidade Aberta; fez uma Pós-Graduação em Literatura Inglesa na Universidade de Adelaide, Austrália do Sul; Licenciada em Filologia Germânica – Ramo Anglístico, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. As suas áreas de interesse e investigação situam-se no Ensino de Inglês como Língua Estrangeira, Ensino de Inglês para Fins Específicos, Estudos Europeus, Estudos Índios e Estudos Canadianos. Foi bolsista da FLAD e do International Council for Canadian Studies, em várias ocasiões, tendo efectuado pesquisa nas Universidades de: Denver, Arizona, Trent (Ontário), entre outras. Participou em múltiplos congressos internacionais e nacionais, na área de Estudos Índios/Estudos Canadianos. É autora de artigos nessas áreas em publicações universitárias nacionais e internacionais. Colaborou em projectos de investigação no Laboratório em Ensino a Distância da Universidade Aberta e no Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Universidade Católica Portuguesa.


	<p>O CONCEITO DE ALMA E O PENSAMENTO DOS NATIVOS NORTE- AMERICANOS: ALGUMAS REFLEXÕES</p>	<p>Ana Paula Silva Machado Universidade Aberta</p>
---	---	--

tudo está ligado a tudo mais, torna-se difícil destacar conceitos, independentemente desse círculo em que se integram.

O conceito de alma índio faz, pois, parte de um todo orgânico, sendo necessário lançar um olhar sobre o contexto em que emerge, a fim de o tentarmos entender.

Para a maior parte dos povos, o conceito de alma surge ligado à religião. No entanto, será interessante assinalar que, nas línguas dos Índios norte-americanos, não existe uma palavra para designar "religião" (Brown 1998, 2). Esta ausência coloca-nos, de imediato, num outro patamar de entendimento, numa outra perspectiva filosófica, pois constitui uma significativa diferença, em relação a outras culturas, nomeadamente do Ocidente Europeu e do Oriente e remete-nos para um universo cultural fundamentalmente diverso do que habitualmente conhecemos.

Em vez de "religião", torna-se preferível a utilização da expressão "espiritualidade" ou "tradição espiritual" para designar um conjunto de práticas e conceitos de ordem espiritual, que se encontram no cerne das culturas índias norte-americanas. Estes conceitos e estas práticas não estão tradicionalmente dissociadas do quotidiano desses povos, mas integram-no. Será interessante atentarmos nas palavras do antropólogo americano Joseph Epes Brown, que passou largos anos ao lado de Black Elk e estudou as culturas índias toda a sua vida. Na sua obra *The Spiritual Legacy of the American Indian* afirma: *A totalidade do mundo da experiência é visto como estando impregnado pelo sagrado* (Brown 1998, 56). (Tradução nossa) E explica ainda:


	<p>O CONCEITO DE ALMA E O PENSAMENTO DOS NATIVOS NORTE- AMERICANOS: ALGUMAS REFLEXÕES</p>	<p>Ana Paula Silva Machado Universidade Aberta</p>
---	---	--

É por demais evidente que uma característica fundamental e universal das culturas nativo-americanas, assim como de todas as culturas primordiais ou primitivas, é que a "religião" – não existe uma palavra equivalente em nenhuma das línguas índias americanas – não constitui uma categoria de actividade ou de experiência divorciada da cultura ou da sociedade. Pelo contrário, a religião encontra-se totalmente presente e em interrelação complexa com todos os aspectos do modo de vida dos povos. (Brown 1998, X) (Tradução nossa)

Por outro lado, sendo culturas assentes numa tradição oral, carecem de princípios e dogmas rígidos, tornando-se mais propensas a integrar as vivências espirituais individuais dos seus membros, no seu *corpus* de saber, transmitido oralmente pelos anciãos, de geração em geração. A tendência é, pois, para esse corpo de saber fluir naturalmente de antepassados para contemporâneos, com uma permeabilidade dificilmente alcançada pelas tradições religiosas escritas, uma vez que tudo o que é escrito tende a ficar cristalizado mais rapidamente e a assumir um carácter permanente, fixo e rígido.

A este propósito, os nativos norte-americanos argumentam que o homem ocidental se fixa na letra morta, em vez de na palavra viva. Para eles, como em todas as tradições orais, a palavra articulada tem um enorme poder criativo e transformador, sendo a mudança e a transformação parte constitutiva da sua tradição, uma vez que estimula e permite a integração das experiências pessoais dos membros da comunidade.

O estudioso americano John Bierhorst, na sua obra *In the Trail of the Wind* destaca este poder que a palavra tem nas culturas índias, onde o que parece ser

	<p>O CONCEITO DE ALMA E O PENSAMENTO DOS NATIVOS NORTE- AMERICANOS: ALGUMAS REFLEXÕES</p>	<p>Ana Paula Silva Machado Universidade Aberta</p>
---	---	--


apenas descritivo tem um poder coercivo, sendo proferido para produzir a acção que descreve. Afirma ele: *As palavras são mágicas, elas permitem ao utilizador assumir controle.* (Bierhorst, 1971, 3) A intenção das palavras é provocar aquilo que narram. E o autor acrescenta que a maior parte da poesia índia, por exemplo, se pode caracterizar como sendo coerciva ou encantatória: *around the roots the water foams; my god descended* .(1971, 3)

Este poder e verdade associados à palavra estão na base da perplexidade dos Índios perante o incumprimento, por parte dos Euro-americanos, de inúmeros tratados e acordos celebrados com os nativos do continente.

É neste universo vivo, activo, em permanente criação e transformação e, acima de tudo, sagrado, que se insere o conceito de alma índio.

Entre estes povos, o conceito é difuso, pois a alma faz parte de toda a existência, está presente em toda a natureza e em todos os seres, que, por isso, se encontram ligados na mesma substância que os rodeia e os compõe. Poderíamos ver aqui alguns paralelos com o conceito de *Oversoul* de Emerson e dos transcendentalistas americanos, no entanto, entre os Índios, a alma é essencialmente imanente e constituinte de todos os seres, ao mesmo tempo que transcendente. Senão, atentemos de novo nas palavras de Black Elk:

Devemos entender que todas as coisas são obra do Grande Espírito. Devemos saber que Ele está dentro de todas as coisas: as árvores, as ervas, os rios, as montanhas e todos os animais de quatro patas, e os povos com asas; e ainda mais importante é entendermos que Ele está também acima destas coisas e povos. Quando entendermos isto profundamente, dentro dos nossos corações, recearemos e amaremos


	<p>O CONCEITO DE ALMA E O PENSAMENTO DOS NATIVOS NORTE- AMERICANOS: ALGUMAS REFLEXÕES</p>	<p>Ana Paula Silva Machado Universidade Aberta</p>
---	---	--

e conheceremos o Grande Espírito, e então seremos e agiremos e viveremos como ele deseja.(Brown, 1989, XX) (Tradução nossa)

Para os nativos americanos, não existe, pois, natureza morta ou inanimada. Tudo vive e tem alma, sendo essa perspectiva que permite a grande permeabilidade entre os seres, encontrada nas culturas índias. Transformação e mudança de forma "*shape-shifting*" são comuns, sobretudo entre os xamãs ou *medicine-men*, não se limitando, porém a estes seres com dons especiais, mas fazendo parte da experiência de cada indivíduo, sobretudo, através de sonhos ou rituais, como os de busca de visão, de purificação, etc, presentes em várias culturas índias.

Afirmar que este é um conceito "animista" não traduz o que é de facto o universo índio, pois não se trata de uma '*anima*' independente e individual que anima cada coisa, mas de '*mana*', um poder espiritual e não psíquico, indiferenciado, em que todas as coisas participam, de acordo com a sua própria natureza. Segundo o historiador e conservador de arte indiano-americano Ananda Coomaraswamy, os povos ancestrais de vários pontos do globo vêem cada coisa como - *animada por um Ser omnipresente, inesgotável, informal e não-particular, fonte de todo o saber.* (Coomaraswamy, 1997, 213) (Tradução nossa). Salienta este autor a interpenetrabilidade das dimensões material e espiritual, presentes ancestralmente no ser humano.

Embora as culturas nativas norte-americanas sejam maioritariamente xamânicas, não dependem unicamente dos dons dos seus *medicine-men*, xamãs ou líderes espirituais, apoiando-se igualmente na experiência individual dos membros da comunidade, através dos seus rituais, sonhos e vivências. Este facto


	<p>O CONCEITO DE ALMA E O PENSAMENTO DOS NATIVOS NORTE- AMERICANOS: ALGUMAS REFLEXÕES</p>	<p>Ana Paula Silva Machado Universidade Aberta</p>
---	---	--

levou alguns antropólogos como o sueco Äke Hultkrantz a referir-se à espiritualidade dos Índios norte-americanos, com os seus rituais de *Sweat Lodge*, *Vision Quest*, *Sun Dance*, etc, como um xamanismo colectivo, democratizado e a incluir estes rituais no que denomina de "*the vision complex*", uma vez que giram em torno da busca de uma visão, nomeadamente de um '*spirit guide*' ou '*guardian spirit*', pelo que estas práticas são também designadas por '*the guardian spirit complex*'.

Este xamanismo democratizado tem em comum com o xamanismo *per se*, o facto de existir uma mudança de estado de consciência e, acima de tudo, uma busca intencional dessa alteração da consciência.

Äke Hultkrantz contrapõe à perspectiva de Mircea Eliade, que via o xamã como praticante de técnicas arcaicas de êxtase (*archaic techniques of ecstasy*) a ideia de que o xamanismo não é uma técnica arcaica, um resquício do passado, mas sim: *Um testemunho vivo do renascimento activo de uma das características religiosas mais importantes na história da humanidade.*(Hultkrantz, 1999, 1) (Tradução nossa) Hultkrantz considera ainda que: *O xamã é um funcionário social que, com a ajuda dos espíritos-guardiães, atinge o êxtase, de forma a criar um relacionamento com o mundo sobrenatural, em benefício dos membros do seu grupo.*(1999, 1) (Tradução nossa)

Neste universo, os mundos internos e os mundos externos surgem, assim, como interdependentes e interactuantes. Essa interacção e essa interdependência entre os seres, os planos e as dimensões formam o centro ou cerne da espiritualidade índia, apresentando um universo em constante criação e um ser humano co-criador desse universo.


	<p>O CONCEITO DE ALMA E O PENSAMENTO DOS NATIVOS NORTE- AMERICANOS: ALGUMAS REFLEXÕES</p>	<p>Ana Paula Silva Machado Universidade Aberta</p>
---	---	--

É contra este pano de fundo que devemos considerar o conceito de alma índio, que é difuso e plástico, podendo ser individual, múltiplo e uno, simultaneamente. No que toca, em particular, o ser humano, este possui, pelo menos, dois tipos de alma (quatro, entre os Sioux), a alma do seu corpo, ou alma-corpo, (*body-soul*) e a alma-livre (*free-soul*), ou alma-onírica (*dream soul*), podendo ainda cada parte ou órgão do seu corpo possuir uma alma. (Hultkranz, 1997, 7-9) A alma, ou almas do seu corpo concedem-lhe movimento e vida e apenas o abandonam quando morre, ou quando são capturadas por feiticeiros, para lhe causar doença ou morte.

A alma livre ou onírica (*dream soul* ou *free-soul*) pode abandonar o corpo momentaneamente, durante o transe, o sonho (e aqui destacamos a importância do sonho e da visão nas culturas índias), ou ainda, durante os rituais, ou a morte aparente, viajando até locais distantes, físicos ou etéricos, mudando de forma – frequentemente assumindo a forma de um animal-guia – e voltando ao corpo com memórias de vivências extra-ordinárias. Esta alma funciona como um *Guardian-Spirit*, um guia ou guardião do ser humano.

Assim, a comunhão e ligação entre o mundo físico e a dimensão espiritual é conseguida através da alma-livre do aspirante (*seeker*), no caso dos rituais individuais, ou do xamã, enquanto líder espiritual e curador da comunidade.

Muitos dos rituais índios têm precisamente a finalidade de encontrar um espírito ou animal-guia, podendo o participante assumir momentaneamente a forma desse animal-guia, como acima se referiu, devido a essa plasticidade da alma e da forma. Nada é estanque, tudo está relacionado, neste mundo numinoso, vivo e em constante mutação. Os casos em que essa transformação é intencionalmente procurada, através da imitação, da identificação mística ou da


	<p>O CONCEITO DE ALMA E O PENSAMENTO DOS NATIVOS NORTE- AMERICANOS: ALGUMAS REFLEXÕES</p>	<p>Ana Paula Silva Machado Universidade Aberta</p>
---	---	--

transmigração, enquadram-se dentro do fenómeno denominado por Nagualismo. (Hultkranz, 1997, 148-151)

No Nagualismo, esse tipo de relação com o espírito-guardião implica uma afinidade íntima e uma reciprocidade intensas e traduz-se na aquisição de características do espírito-guia (*spirit guide*), que se podem expressar por tatuagens, pinturas no corpo, decorações nas roupas e armas, representando-o, ou pelo uso das penas ou da pele do animal em questão, ou ainda pelo assumir do seu nome, entre outros exemplos.

Hultkranz, assim como outros antropólogos, considera que esta forma de 'totemismo individual' pode estar na base de formas colectivas de totemismo, como o 'totemismo dos clãs'.

No caso específico do ritual individual da Busca de Visão (*Vision-Quest*), ao intencionalmente procurar o seu espírito-guia, a tónica e o significado para a sua vida, o aspirante (*Vision-Quester*), através do sofrimento, do isolamento e da abstinência, está procurando algo que, simultaneamente, lhe dá sentido como indivíduo e como membro de uma comunidade, destacando-o como único e identificando-o simultaneamente com os demais, unindo-o a eles, ligando-o – como elo singular e especial de uma cadeia – aos outros seres, humanos, ou não. Esses espíritos-guardiães surgem frequentemente sob a forma de animais, como acima referimos, embora possuam atributos superiores aos animais cuja forma assumem, concedendo poderes e algum *fetish* com o tipo de *medicine* (poder, capacidade) concedido ao (*quester*) aspirante. A visão resulta normalmente de um longo período (quatro dias) de jejum, de mortificações e de auto-sacrifício, para além do uso de substâncias, em alguns casos, como refere Hultkranz: *Podem ser utilizados narcóticos. Fumar tabaco é um acto sagrado na maioria dos rituais na*


	<p>O CONCEITO DE ALMA E O PENSAMENTO DOS NATIVOS NORTE- AMERICANOS: ALGUMAS REFLEXÕES</p>	<p>Ana Paula Silva Machado Universidade Aberta</p>
---	---	--

América do Norte, certamente devido ao seu poder estimulante; não será de estranhar que o tabaco seja frequentemente usado como meio de invocar visões. (1997, 75) (Tradução nossa) Durante esse período de mortificação, o aspirante (*quester*) suplica, reza e assume uma postura de humildade e submissão espiritual, que continua após a obtenção da visão do espírito-guia, procurando suscitar a compaixão e piedade deste, através dos seus actos.

De notar que os diferentes seres da natureza constituem "nações" ou "povos", tal como os próprios índios formam "nações" ou "povos", e possuem características específicas no padrão da existência, características essas que as tornam importantes auxiliares do ser humano. Não existe a noção de superioridade do ser humano, muito pelo contrário, o respeito pelos seres da natureza conduz a ritos específicos de caça e de plantio e colheita (no caso das tribos sedentárias). Todos os seres têm o seu papel e a sua função na enorme teia da Criação e têm uma alma, estando imbuídos de númen e devendo, por isso, ser respeitados e as suas almas pacificadas, após a morte, no caso da caça, ou após a colheita, no caso das tribos sedentárias, através de rituais específicos.

Será certamente singular esta noção complexa de alma dos seres, tendo em conta que os europeus, ao aportarem às costas do Novo Mundo se questionavam se os "Índios" tinham alma, concluindo que não teriam, o que justificou as terríveis violências contra eles cometidas e o enorme genocídio que se seguiu, do qual não reza habitualmente a história, sendo ignorado ou esquecido por muitos de nós...

Outra característica fundamental para o entendimento das culturas índias, que vem na sequência da interligação dos seres e das coisas e dos planos físico e espiritual, é a forma como o símbolo é encarado, pois não é tido como uma mera


	<p>O CONCEITO DE ALMA E O PENSAMENTO DOS NATIVOS NORTE- AMERICANOS: ALGUMAS REFLEXÕES</p>	<p>Ana Paula Silva Machado Universidade Aberta</p>
---	---	--

representação de algo abstracto, uma metáfora de algo transcendente, mas sim como a encarnação daquilo que representa, com os mesmos poderes, as mesmas funções.

Referindo-se ao ritual da Sweat Lodge dos Lakota ou Sioux, Epes Brown afirma: *Será importante notar que, para os Índios das Planícies, a forma material do símbolo não é tida como uma representação de outra realidade mais elevada, mas é essa realidade numa imagem. O poder ou qualidade que uma forma particular reflecte pode, por isso, ser directamente transferida para a pessoa em contacto com ela.* (1998, 43) (Tradução nossa) Daí que os indivíduos que têm experiências com o seu animal ou espírito-guia frequentemente se liguem novamente a ele, através de símbolos ou objectos que lhes foram transmitidos, durante os momentos em que a sua alma-livre viajou e se identificou com o seu animal ou espírito-guia, como acima referimos.

Nas palavras do *medicine-man* Sioux, John Lame Deer:

Nós Índios vivemos num mundo de símbolos e imagens onde o espiritual e o quotidiano são um só. Para vós, os símbolos são apenas palavras, faladas ou escritas num livro. Para nós, fazem parte da natureza, parte de nós próprios – a terra, o sol, o vento e a chuva, as pedras, árvores, animais, e mesmo os pequenos insectos, como as formigas e os gafanhotos. Tentamos compreendê-los não com a cabeça, mas com o coração e não precisamos de mais do que uma sugestão para nos dar o seu significado. O que para vós vos parece banal, para nós surge como maravilhoso, através do simbolismo. Isto é engraçado, pois nem sequer temos uma palavra para simbolismo, no

	O CONCEITO DE ALMA E O PENSAMENTO DOS NATIVOS NORTE- AMERICANOS: ALGUMAS REFLEXÕES	Ana Paula Silva Machado Universidade Aberta
---	--	---

entanto, estamos todos envoltos nele. (Erdoes, 1994, 107-108)


(Tradução nossa)

Devido ao poder numinoso contido no símbolo, o Índio entra em contacto com a sua alma-livre e com o mundo do espírito; comunga com a alma dos outros seres ou com o seu animal ou espírito-guia.

Através de toda a fluidez que constitui a mundividência índia, tal como temos vindo a descrever, poderemos concluir que a alma constitui a "substância" mediadora entre a matéria e o espírito (*Spirit World*), a qual permite a aproximação dos seres ao mundo do espírito, trazendo esse poder e essa essência ao mundo físico.

Por vezes, a alma livre conduz os seres humanos à terra dos mortos, voltando depois ao corpo, sobretudo no caso dos xamãs, que actuam como guias das almas após a morte e que têm o poder de viajar até esse reino e de voltar. O que distingue o *medicine-man* ou xamã é a sua capacidade de dirigir intencionalmente a sua 'alma livre' até ao mundo dos mortos e de regressar de novo ao mundo dos vivos, actuando, por isso, como guia das almas dos que morrem (*psychopomp*).


No que toca aos conceitos de vida após a morte, entre a maior parte das culturas índias norte-americanas, existem mitos sobre um caminho de passagem das almas para o outro mundo, sendo o xamã, como referimos, o guia das almas dos que morrem. É comum a imagem da Via Láctea (*Milky Way*), considerada o pólo cósmico, como sendo essa estrada, esse caminho, por onde as almas têm de passar, sob a orientação do xamã. No entanto, esse caminho não é indiviso, pois nele existem várias passagens, que conduzem a diferentes destinos da alma, após

	<p>O CONCEITO DE ALMA E O PENSAMENTO DOS NATIVOS NORTE- AMERICANOS: ALGUMAS REFLEXÕES</p>	<p>Ana Paula Silva Machado Universidade Aberta</p>
---	---	--

a morte. Um deles conduzirá ao céu – ou "*happy hunting grounds*" (terrenos de caça prósperos), uma cópia do mundo dos vivos, onde a abundância e a plenitude são as características mais marcantes e onde as almas se deleitam com caçadas ao búfalo, festejos e danças – outra passagem conduzirá ao mundo subterrâneo (*underworld*), que traz a desgraça e a anulação das almas. (Hultkranz, 1997, 132-135)

Não esqueçamos que é a alma-livre dos indivíduos que faz este percurso, enquanto a alma-corpo morre com ele ou, em alguns casos, reaparece como fantasma errante. (1997, 136, ft)

Hultkranz não vê nessa separação entre os maus e os bons uma influência do cristianismo, mas sim um factor de consolidação do dualismo já existente. No entanto, chama a atenção para o facto de os Índios não possuírem um conceito de "Julgamento Final" além-túmulo, nem um elaborado conceito de recompensa para os bons. (1997, 136, ft) Estas noções são vagas e funcionam mais como um aviso para qualquer tipo de actividade anti-social dos indivíduos do que como um conjunto de dogmas religiosos. Como existe inter-relação, analogia e correspondência de planos – o que está em cima é como o que está em baixo e vice-versa – não será difícil entender que o melhor bem para os Índios é viverem na plenitude e abundância do outro lado, tal como, em tempos, viviam deste lado, com os seus tipis, a sua caça ao búfalo (de que dependiam no passado), os seus festejos e danças tradicionais. Tal como os comportamentos anti-sociais levavam à exclusão e punição dos seus praticantes, em vida, é natural que o mesmo aconteça do outro lado, dada a correspondência e inter-ligação de planos a que nos referimos.


	<p>O CONCEITO DE ALMA E O PENSAMENTO DOS NATIVOS NORTE- AMERICANOS: ALGUMAS REFLEXÕES</p>	<p>Ana Paula Silva Machado Universidade Aberta</p>
---	---	--

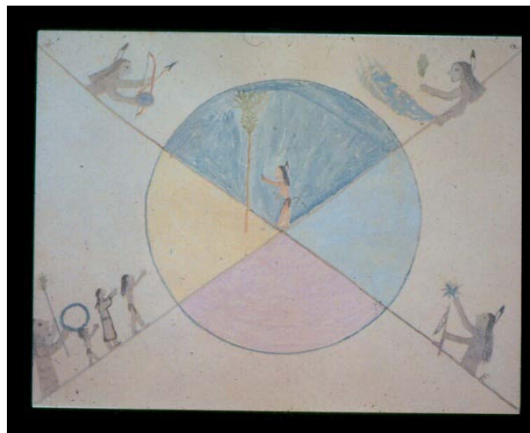
Voltamos a salientar o carácter orgânico, circular, interactivo, na mundivisão que subjaz a estes conceitos de alma, onde não existe separação real entre sagrado e profano e onde a inter-relação entre os seres é espiritual e sagrada, tal como Epes-Brown assinala:

Uma metafísica polisintética da natureza como esta, experienciada em vez de perigosamente abstraída, remete-nos com especial ênfase para a raiz e causa de muitos dos problemas de hoje, especialmente da nossa actual crise ecológica. Talvez seja esta mensagem da natureza sagrada da terra e dos locais a principal razão da actual proeminência da visão dos nativos americanos na mente e na consciência da América não-nativa. (Brown, 1998, 51)

No entanto, devemos lembrar que, na visão dos Índios americanos, esta ligação e interacção entre os seres não é meramente ecológica, mas sim espiritual. O equilíbrio do cosmos depende dessa ligação espiritual. Quando ela é cortada, surgem os desequilíbrios, as moléstias e as catástrofes ecológicas e não só.

Esperamos ter conseguido apresentar um pouco dessa visão índia, simultaneamente complexa e singela, nestas nossas palavras, e fica-nos a esperança de que o valioso contributo do pensamento dos nativos norte-americanos abra um caminho rumo à salvação do planeta - e da humanidade.

	<p>O CONCEITO DE ALMA E O PENSAMENTO DOS NATIVOS NORTE- AMERICANOS: ALGUMAS REFLEXÕES</p>	<p>Ana Paula Silva Machado Universidade Aberta</p>
---	---	--



Black Elk Vision

BIBLIOGRAFIA

- Bierhorst, John, ed. *In the Trail of the Wind: American Indian Poems and Ritual Orations*. New York: Farrar, Strauss and Giroux, 1971.
- Brown, Joseph Epes, ed. *The Sacred Pipe: Black Elk's Account of the Seven Rites of the Oglala Sioux*. Norman: University of Oklahoma Press, 1989, (¹1953).
- The Spiritual Legacy of the American Indian, New York, Crossroad, 1998, (¹1982).
- Coomaraswamy, Ananda C. *The Door in the Sky, Myth and Meaning*. New Jersey: Princeton University Press, 1997.
- Erdoes, Richard, and John (Fire) Lame Deer. *Lame Deer: Seeker of Visions*. New York: WSP, 1994, (¹1976).
- Hultkrantz, Ake, *The Religions of the American Indians*, Berkeley, University of California Press, 1980, (¹1967).
- *Soul and Native Americans*, Woodstock, Spring Publications, Inc., 1997.
- "The Specific Character of North American Shamanism", *European Review of Native American Studies*, Vol. 13, No. 2, 1999.
- Neihardt, John G. (Flaming Rainbow). *Black Elk Speaks: Being the Life Story of a Holy Oglala Sioux*. Nebraska: University of Nebraska Press, 1971, (¹1932).